

ALCEU

Uma vez, numa crônica, fiz uma brincadeira com Alceu Marinho Régo. Eu escrevia sobre uma agência funerária que havia então perto de minha casa. Nela havia um empregado que fazia o plantão de madrugada; e sempre que eu voltava para casa a pé, naquele tempo de boemia juvenil, tinha a impressão de que o sujeito me olhava com certa cobiça, pensando: "qualquer dia aquêlê rapaz vai ser meu freguês; com a vida que leva não tardará muito..." Eu terminava minha crônica manifestando o desejo de morrer depois daquele homem, porém — acrescentava de maneira imprevista — antes de Alceu Marinho Régo.

Suprimi êste final quando publiquei a crônica em livro, pois não teria nenhum sentido. Era um simples trote que eu passava no amigo. Como eu previra, êle me procurou dois dias depois intrigadíssimo porque uma porção de gente lhê perguntava na rua ou pelo telefone porque diabo eu queria morrer antes dêle. Expliquei: eu queria morrer antes de Alceu para que êle acompanhasse meu entêrro. Magro, ereto, longilíneo, vestido sempre com sobriedade, andando a largas, lentas, solenes passadas, êle garantiria dignidade ao meu entêrro, por mais chinfrim que fôsse o resto do acompanhamento...

Essa brincadeira de gôsto duvidoso não aborreceu o amigo, que o era velho e firme. E meu voto não se cumpriu, nem cumprirá: eu é que, neste dia em que escrevo, vou acompanhar ao cemitério o corpo de meu amigo, morto antes de chegar aos 44 anos.

Meses antes de morrer, Alceu publicou seu único romance, "Véspera de Deus"; foi uma grande alegria que lhe deu José Olympio, editar-lhe êsse livro, do qual redigi as orelhas. Êle já andava doente e certa vez me confessara, com uma tranqüilla coragem, sua suspeita sobre a verdadeira natureza do mal que já o levava à mesa de operação. Eu estava tomando coragem para visitá-lo agora, quando o sabia à morte, mas desisti diante de uma frase que êle disse a Murilo Miranda e Carlos Lacerda, amigos comuns da juventude, que o foram ver na casa de saúde e, piedosamente, conseguiram da Prefeitura a suspensão de uma obra cujo ruído o impedia de dormir um pouco em meio a seus padecimentos. Êle notou, com aparente ingenuidade, que das outras vezes que se operara, quase não tinha tido visitas; desta vez apareciam amigos de tôdas as épocas...

Seu romance é, em grande parte, a história de uma geração, a nossa, cujo destino a ditadura sacrificou profundamente. Alceu viveu intensamente a vida desta geração, e do monarquismo de sua primeira juventude passou para as barricadas da esquerda; viveu ilusões e desilusões, sempre honesto, altivo, muito fidalgo na sua pobreza, um homem enxuto e viril.

Ê' um amigo bom e certo que se vai; lá para onde foi encontrará outros amigos e amigas. Nossa turma, não apenas a da Faculdade de Direito, a de 20 anos de lutas e amores, já está ficando bem forte e bem boa do lado de lá. Eu me sentirei menos só na hora da partida sabendo que vou ao encontro dêsse amigo discreto, lúcido, firme e corajoso.

2/8/55

315